

Arquitetura nas freguesias de Florianópolis

Architecture in Florianópolis parishes

DOI:10.34117/bjdv7n5-413

Recebimento dos originais: 07/04/2021

Aceitação para publicação: 19/05/2021

Helene Jungblut Geissler

Doutora em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Professora Adjunta no Departamento de Engenharia Civil

da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Endereço: Rua Dr. Getúlio Vargas, 2822 – Ibirama - SC

CEP: 89.140-000

E-mail: helenne.geissler@udesc.br

RESUMO

O artigo analisa a arquitetura nas Freguesias do Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui situadas na ilha no município de Florianópolis, Santa Catarina e Sul do Brasil. A metodologia inclui revisão bibliográfica e entrevistas. Foram avaliados os critérios tipologia, sistema construtivo, estética, esquadrias, padrões de materiais, padrões cromáticos e ornamentação. Os resultados mostram as modificações através do tempo. Há dois tipos essenciais de casa; colonial e independência. A casa colonial é uniforme, simples, térrea, pequena com porta e uma ou duas janelas. O sobrado da independência tem dois pavimentos e três eixos. Há variações e casas com até cinco ou oito janelas. Do século XVII ao XIX os princípios permaneceram na planta baixa. O sobrado evoluiu da casa colonial, ampliando e modificando-a. A dimensão eram quatro (4) a oito (8) metros de largura. A casa colonial tinha telhado duas águas. No século XVII as casas eram assimétricas e usava-se pedra ou pau-a-pique, havia verga curva e cobertura com telhas canal. No século XVIII as casas eram simétricas e usava-se tijolo e verga reta. No século XVII havia simplicidade. A decoração e subdivisões internas eram privilégio das elites. Casas sofisticadas ocorriam em esquina. A ornamentação tornou-se rebuscada em 1840. Há influências neoclássicas em 1870 e o fim das formas históricas no fim do século XIX, surge a casa solta no lote.

Palavras-chave: arquitetura, casas, imigrantes açorianos e madeirenses.

ABSTRACT

The paper analyzes the architecture in Ribeirão da Ilha, Santo Antonio de Lisboa and Sambaqui parishes, located on the island, in the municipality of Florianópolis, Santa Catarina and southern Brazil. The methodology includes bibliographic review and interviews. The assessment criteria evaluated were typology, construction system, aesthetics, frames, material patterns, chromatic patterns and ornamentation. The results show the changes over time. There are two essential types of home; colonial and independence. The colonial house is uniform, simple, single storey, small with a door and one or two windows. The independence house has two floors and three axes. There are variations and houses with up to five or eight windows. From the 17th to the 19th centuries the principles remained on the plan. The townhouse evolved from the colonial house, expanding and modifying it. The dimensions were four (4) to eight (8) meters

wide. The colonial house had a gable roof. In the 17th century the houses were asymmetrical, stone or wattle and daub was used, there was a curved lintel and a roof with colonial tiles. In the 18th century the houses were symmetrical, brick and straight lintel were used. In the 17th century simplicity prevailed. Decoration and internal subdivisions were a privilege of the elites. Sophisticated houses took place on a corner. The ornamentation became elaborated in 1840. Neoclassical influences appear in 1870. The end of historical forms occur later on the 19th century and the detached house appears in the lot.

Keywords: architecture, houses, Azorean and Madeiran immigrants.

1 INTRODUÇÃO

O legado do ilhéu no sul do Brasil foi influenciado por processos sociais, culturais e econômicos dos imigrantes açorianos e madeirenses. Suas casas na costa catarinense construídas foram ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX.

Reis e Castro (2020) descrevem que a terminologia vernacular é controversa, pois os significados são muito discutidos e também possuem nuances diferenciadas. Para Silva e Costa (2020) a arquitetura popular ou vernacular exprime as interações ocorridas entre as diversas culturas formadoras a sociedade. Brandão e Furtado (2020) entendem que a arquitetura vernácula envolve dois fatores essenciais; o material e o imaterial; I) as técnicas, os materiais construtivos, a orientação, o entorno e outros; a interface de prioridades e II) os saberes populares, o saber fazer, transmitido através das gerações.

Günter Weimer (2012) prefere o termo arquitetura popular a vernácula e enfatiza que é um modo de construir próprio com criatividade, de forma e materiais de construção.

O trabalho contribui para a revisão teórica como aporte ao reconhecimento, resgate e valorização da arquitetura em Freguesias tradicionais em Florianópolis; do Ribeirão da Ilha, de Santo Antônio de Lisboa e de Sambaqui na Ilha de Santa Catarina.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A imigração de milhares de portugueses; açorianos e de madeirenses para Santa Catarina e para a Ilha ocorreu do século XVII ao século XVIII. As famílias colonizaram o litoral de São Francisco do Sul a Laguna. Menores quantidades continuaram a imigrar no século XIX e XX. A sua vinda foi ligada a navegação, defesa, economia. para estabelecer e consolidar populações na costa. Para Alves e Lacerda (2018) a forma do litoral catarinense, características históricas e geográficas atraíram e favoreceram os assentamentos desses imigrantes. Eram em maioria ilhéus e adaptaram-se com êxito na

costa. Algumas famílias remigraram para o Rio Grande do Sul fundando em 1752 o Porto dos Casais ou Porto Alegre. Após oito gerações os descendentes superam um milhão de habitantes em 45 municípios, vide Figura 01, onde predominam feições e características, traços, estilos, valores sociais e culturais similares.

Figura 01 - Áreas culturais do Estado de Santa Catarina

ÁREAS CULTURAIS DE SANTA CATARINA



Fonte: SANTA CATARINA. Gabinete de Planejamento. Subchefia de Geografia, estatística e informática. Atlas de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Aerofoto Cruzeiro, 1986.

Fonte : Santa Catarina (1986) apud Alves e Lacerda (2018)

Para Althoff (2018) há três tipos povoações litorâneas; fundações vicentistas e luso-brasileiras e as freguesias, que eram criadas por imigrantes açorianos. As Fundações visavam exploração econômico-produtiva, atividades de armações e pesca da baleia e as Freguesias consistiam em colonização de povoamento.

As primeiras povoações do litoral catarinense em meados do séc. XVII por vicentistas e portugueses foram Fundações: Nossa Sra. da Graça do Rio São Francisco (São Francisco do Sul), Nossa Sra. do Desterro (Florianópolis) e Santo Antônio dos Anjos da Laguna (Laguna). Em meados do século XVIII conflitos de limites territoriais entre Portugal e Espanha, trouxeram para a Capitania de Santa Catarina o engenheiro militar nomeado Governador Brigadeiro José da Silva Paes. A gestão iniciou em 1739 marcada pela construção de sistema de defesa para guardar as duas baías da Ilha e trazendo a primeira leva de açorianos para povoar local estratégico e relevante com Freguesias.

Os primeiros imigrantes aportaram em 1748 para povoar a Ilha de Santa Catarina e outros locais no continente fortalecendo as fronteiras. As Freguesias criadas foram Nossa Sra. do Rosário de Enseada de Brito (1750), Lagoa da Conceição (1750), na Ilha de Santa Catarina, São Miguel da terra firme (1750), São José da terra firme (1751), Freguesia da Vila Nova e Sant'ana do Mirim (1752), Santo Antônio de Lisboa (1755), e São João Batista do Imaruí (1833). A implantação ocorreu em portos naturais abrigados em baías, posições estratégicas para a defesa, em solos firmes e férteis para subsistência e prover alimentos e água potável. Os sítios tem traços urbanísticos e arquitetônicos comuns; praças e as igrejas próximas, diferenciando-se por alguns aspectos.

Reis Filho (1978) concluiu que o lote e arquitetura são indissociáveis na implantação lusa. No século XVI a ocupação do litoral brasileiro ocorreu em locais altos para segurança. As construções adaptavam-se à topografia. No século XVII o traçado urbano assemelhava-se ao xadrez. As Freguesias eram voltadas para o poente, de costas para o mar, em geral, em mares abrigados e baías. Isso surpreende, pois a costa catarinense tem orientação para o Sol nascente.

Para Althoff (2018) não há influência açoriana direta na arquitetura brasileira. A arquitetura rural das Ilhas dos Açores evidencia a casa de pedra coberta de palha. No Brasil há lotes com pequena testada, grande profundidade e distribuição visando segurança e economia. O alinhamento das edificações era contíguo à rua e predominam tipologias geminadas, continuidade e semelhança das casas.

Para Hans Broos (2002) a arquitetura colonial era uniforme, simples e homogênea. Casas térreas, pequenas, construídas em fita ao longo da rua com porta e uma ou duas janelas. O sobrado típico da independência tem dois pavimentos e três eixos.

As dimensões das casas ligavam-se à riqueza do proprietário. Há variações de dimensões e casas com até cinco ou oito janelas. As casas de esquina eram melhores.

Do séc. XVII ao XIX os princípios de construção e plantas baixas permaneceram. O sobrado evoluiu da casa colonial guardando o básico, ampliando e modificando a planta baixa da casa térrea, no primeiro e o segundo pavimento.

A casa lusa sofreu modificação no Brasil e Santa Catarina devido ao clima, materiais disponíveis, condições políticas, hábitos, costumes e outros aspectos.

A casa colonial é pequena, simples, com compartimentos e escadas estreitas, planta baixa confusa, quartos iguais para todos. Predominava alvenaria de tijolos ou pedra, ou taipa, pois a carpintaria em madeira era ruim. Em muitas casas não havia forro e telhas

permaneciam expostas. O decorativismo ocorria em casas muito importantes com tijolos decorativos, azulejo monocromo em relevo corda-seca, *plafond d'alfarje*, madeira esculpida, figuras decorativas nos telhados, pseudo pilastra, etc. A Independência enriqueceu soluções construtivas e arquitetônicas, formas, decoração e incorporou influências européias acadêmicas às coloniais. Houve salto qualitativo nos materiais de construção, utilizando mais pedra, viga mestra no telhado, caixilhos e vergas nas janelas, portas e no rebordo elevado do telhado.

A planta baixa tinha padrões na disposição interna dos ambientes, medidas fixas. Modificou-se a estrutura lusa construída em pedra por madeira, e o barro, ao invés do reboco no início da colonização açoriana.

Inovou-se com a tradição lusa, adaptando materiais e condições limitantes coloniais. Permaneceram as proporções ao invés do volume, azulejos, pinturas decorativas, pequeno beiral, teto sobre os ângulos da casa e impressão superficial e outros.

Os imigrantes construíam ranchos de palha, após de pau-a-pique cobertos de palha, depois melhoravam o telhado com telhas cerâmicas. Mais tarde construíam casa colonial térrea com vergas e caixilhos de madeira para esquadrias.

Entre século o XVII e XVIII na costa litorânea catarinense havia padrões construtivos e certa uniformidade social. Os senhores de engenho, capitão-mor e os mais ricos, habitavam casas coloniais comuns semelhantes aos demais habitantes. As casas eram de pedra ou pau-a-pique, coberta com telhas canal. A dimensão, em geral, era de quatro (4) a oito (8) metros de largura.

A casa colonial tinha telhado duas águas; parte principal na direção da rua a sala de estar em frente à entrada, e naquele eixo corredor ligando a sala de jantar e quintal. O corredor ligava às alcovas situadas no meio da casa sem iluminação e ventilação diretas.

Para Althoff (2018) a casa térrea ou o sobrado tinham cobertura duas águas, cumeeira paralela à rua, telhas cerâmicas capa-e-canal. Havia alvenarias de pedra e/ou tijolos, rebocadas, caiadas de branco, aberturas contornadas de cores fortes e vibrantes em tons de vinho, ocre, marrom, verde-escuro e azul-escuro.

Para Broos (2002) havia um telhado uma água para varanda, cozinha e rancho. O rebordo do telhado era guarnecido por uma ou duas fileiras de telhas canal convertidas. Os caixilhos de madeira das janelas e portas eram de verga curta, depois incorporou-se verga reta. Reboco interno e externo não possuíam ornamentação. Os açorianos

trouxeram no século XVII os elementos mouriscos; a pomba ou folha no rebordo do telhado, ou rebordo elevado e cumeeira.

Althoff (2018) concorda que os detalhes construtivos da cultura lusa foram utilizados em larga escala como o teto de telhas vãs, sem forro, a beira – seveira, ou cimalha como beiral através de telhas superpostas e acabamento em peito de pombo dos beirais em edificações com melhor padrão construtivo.

Conforme Broos (2002) no século XVIII utilizava-se tijolo para construir estrutura e houve mudanças nas formas das casas. Surge o rebordo perfilado de estuque, pseudo-pilastra e vergas retas em janelas. A simultaneidade da verga reta e verga curva é de meados do século XVIII. Novos detalhes e estrutura da casa em eixos surgem com porta central e janelas simetricamente situadas aos lados. A axialidade e perfis clássicos eram características da unidade e forma da casa colonial. Na casa térrea habitavam diversas classes sociais. A distinção ocorria no acabamento das casas.

No século XVII a simplicidade e situação no meio da fita eram regras para classes menos favorecidas. As decoração e subdivisões internas eram um privilégio para as elites. A beleza, sofisticação, muitas janelas e posição em esquina indicavam riqueza do proprietário da casa. No século XVIII surge o sobrado como habitação e arquitetura da população urbana. As transformações arquitetônicas ocorrem associadas às sociais na ascensão das elites. Os colonos viraram cidadãos e casa evoluiu para sobrado. Em meados do século XIX surgem casas isoladas no lote.

Para Althoff (2018) os sobrados eram austeros, isentos de decorações e alocavam o comércio no pavimento inferior. A fachada principal evidenciava a cimalha abaixo do beiral e grossos cunhais, faixas verticais sobressalentes nos cantos da edificação e requadros em madeira ou pedra destacando as aberturas.

Broos (2002) descreve que a vida pública na época colonial, da independência, do império e república ocorria na praça, ruas e centros das cidades. Isso incidiu no valor dos terrenos e na construção de prédios de dois ou três andares. Havia falta de meios de comunicação e as ruas estreitas limitavam a expansão urbana. Em Desterro e nas Freguesias da Ilha as outras limitantes eram o mar e as montanhas. Até fins do século XVIII os sobrados eram simples. O rebordo do telhado era elevado e guarnecido de tijolos de canal vertidos em uma ou duas filas. As janelas do primeiro andar e aberturas tinham faixas de madeira de lei, vergas curvas ou retas com balcões. Não havia ornamentação. O reboco era liso e pintura de monocromática. Até 1800 as características eram austeridade,

falta de decoração e solidez. As casas quando tinham dois pavimentos eram construídas em pedra e cal e tinham quintais. A cimalha perfilada surgiu em 1800 em gosto clássico no rebordo do telhado imitando pilastras em estuque e valorizando a axialidade. A superfície rebocada era lisa e usavam-se tijolos e estuque.

No século XIX o sobrado modificou-se no exterior por influências econômicas, sociais e outras. Em 1840 a ornamentação já era rebuscada. Havia influências neoclássicas em 1870 e término das formas históricas, porém as modificações no estilo não alteraram a essência da planta baixa até o fim do século XIX. Quartos foram ampliados.

Para Veiga et al. (1983) a Freguesia do Ribeirão da Ilha mostra composição de concentração de casas térreas lusas na maioria do tipo porta e janela. As paredes externas são de alvenaria de pedra e as internas de pau-a-pique, taipa ou estuque. A casa geminada condicionava o conjunto, volumetria, composição de fachadas e telhados. Os assentamentos tem a igreja voltada para o mar, de frente para a praça como ponto de encontro para reunião da comunidade e casas nas redondezas em fita linear alinhadas à rua. Em geral as casas eram pequenas e tinham cerca de 50 m²; sala, corredor, uma ou duas alcovas e cozinha pouco iluminadas e arejadas. Na varanda, copa ou cozinha os habitantes recebiam convidados para degustar quitutes, assar peixes e batata doce.

Para Vieira (2008) em Açores a economia e cultura não eram tão ligadas à pesca artesanal de peixe, camarão, crustáceos e frutos do mar, porém desenvolveram-se muito e com êxito nas Freguesias em Santa Catarina.

Veiga et al. (1983) indica que há ainda Igreja e outras casas. Os sobrados não mais fazem parte atual da paisagem do Ribeirão da Ilha. Há relatos da existência de alguns sobrados na memória dos moradores. As reminiscências do século XVII, XVIII e XIX mostram que restam apenas as casas térreas, pois a construção com materiais mais acessíveis implicou em problemas de solidez. A qualidade ruim da mão-de-obra no interior da Ilha e pobreza da população resultaram na utilização materiais com pouca qualidade e durabilidade. As modificações na fachada de casas foram estilísticas. Acrescentaram-se platibandas e itens neoclássicos, decoração floreada e sobre-verga. As reformas na maioria das casas restringiram-se às fachadas. A distribuição interna era mantida, mudando às vezes a posição da sala e alcovas. Nas casas maiores dimensões e em esquina, acrescentaram-se nas fachadas janelas e portas de acesso frontais e laterais.

3 METODOLOGIA

Utilizou-se revisão bibliográfica e entrevistas. A área de estudos são Freguesias do Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil. O município abrange porção insular e continental, área total de 674,844 km² e área urbana de 31,9 km². Situa-se a 27°35'49"S e 48°32'56"O. O relevo tem planícies litorâneas e montanhas elevadas. A população foi estimada em 508.826 habitantes pelo IBGE em 2020. Avaliou-se a arquitetura nas Freguesias. Consultou-se documentação do IPHAN, Prefeitura Municipal de Florianópolis, IPUF - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, NEA/UFSC - Núcleo de Estudos Açorianos e outros.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A arquitetura da costa litorânea catarinense apresenta unidades homogêneas, formas e princípios que persistiram através do tempo. As variações ocorrem nos detalhes e nos ornamentos. Nas Freguesias ainda há casario, pontes, engenhos, cariocas, igrejas e outros. Esses núcleos tem atmosfera singular que é indissociável do local à beira mar e das baías Norte e Sul, modo de vida e de particularidades do ilhéu. Há duas formas de casas típicas; colonial térrea e sobrado. Deve-se preservar o patrimônio material e imaterial ligados aos descendentes de açorianos e madeirenses.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Freguesias possuem um conjunto de bens tombados. O tombamento, benefício fiscal de redução do IPTU, mecanismo de Transferência do Índice de Construção, Fundo Municipal de Preservação e outros, instrumentalizam a fiscalização apoiadas por mapas, cadastro, fotografias para a preservação dos bens culturais, (ADAMS, 2015).

Diversas famílias mais antigas permaneceram nas Freguesias. Os pescadores relataram sobre fartura de peixes, crustáceos e moluscos no passado e que hoje há escassez. Cardoso (2011), Silva (2016) e Vieira (2008) concordam sobre os riscos da descaracterização do modo de vida e do legado dos imigrantes em Florianópolis pela globalização, especulação imobiliária e turismo inadequado comprometendo a relação com o Mar, a pesca artesanal, cultura, atividades econômicas, sociais e a paisagem.

AGRADECIMENTOS

As pessoas que forneceram comentários. Aos pescadores das Freguesias, ao Senhor João José Mauricio d´Avila, A UDESC pelas verbas para projetos de ensino, pesquisa e extensão. Aos bolsistas de extensão, ensino e monitoria. Aos parceiros dos projetos de pesquisa. Ao IPHAN em Florianópolis, Carolina Figueiredo Pires e Mônica da Silva Magalhães, ao SEPHAN - Setor de Patrimônio Histórico / IPUF e Arq. Rui Stanzani Lapa e Arq. Karina Bassegio, Altair do Setor de Cadastro, A Fundação Franklin Cascaes. A Associação de Moradores do Sambaqui na Praia das Flores e outros.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, B. Florianópolis, um binômio de ecossistemas e assentamentos humanos - 6.000 anos de atratividade: o instrumento do Plano Diretor como garantia de sua continuidade. in: VII Mestres e Conselheiros. Agentes Multiplicadores do Patrimônio : "Patrimônio e Cidades", 2015, Belo Horizonte. Anais ... Belo Horizonte : UFMG, 2015.
- ALTHOFF, F. R. Aspectos urbano-arquitetônicos dos principais núcleos lusobrasileiros do litoral catarinense. disp. em: <<http://nea.ufsc.br/artigos/>> ac. ago.2018
- ALVES, J. C. Mapeamento do Patrimônio Cultural das Comunidades Açorianas de Santa Catarina. disponível em: <<http://nea.ufsc.br/artigos/>> acesso agosto de 2018
- BRANDÃO, J.B.; FURTADO, M.B.G.N. Casa De Pedra: O Saber Fazer no século XX. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 1, p. 2873-2888. jan. 2020.
- BROOS, H. Construções antigas em Santa Catarina. Blumenau: Cultura em Movimento, Florianópolis: EdUFSC, 2002.
- CARDOSO, J.H. entre a ruína e a preservação - Um olhar sobre o Patrimônio cultural do bairro Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis – SC). in : XXVI Simpósio Nacional de História, 2011. São Paulo. Anais... São Paulo : ANPUH, 2011.
- FILHO, N.G.R. O Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.
- IPHAN. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. As Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis. Florianópolis: IPHAN, 2015. 188p.
- REIS, H.; CASTRO, M. Arquitetura vernácula e sustentabilidade. Arquitetura montessoriana e características vernaculares brasileiras. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 1, p.2076-2083. jan. 2020.
- SILVA, F.C.; COSTA, C.F.S. Residência Meneghetti: um estudo de caso da arquitetura da imigração italiana em Caxias do Sul. Braz. J. of Develop., Curitiba, v.6, n.7,p. 43297-43310. jul.2020.
- SILVA, M.A.S. Cultura açoriana no contexto da cidade-mercadoria: da invisibilidade à mercantilização em Florianópolis - SC. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 17, n. 59, p. 144–161. Set/2016.
- WEIMER, G. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2012.
- VEIGA, E.V.; PACHECO J.; TEIXEIRA, M.F. Ribeirão da Ilha: patrimônio histórico e arquitetônico. TCC. História, UFSC : Florianópolis, 1983.
- VIEIRA, T.P. A transformação da cultura de base açoriana catarinense através do desenvolvimento da pesca e do turismo – um estudo antropológico. Tese (Doutorado Iberoamericano em Antropologia de Iberoamérica). Universidade de Salamanca : Salamanca. 2008. 631p.